

**N**a última terça-feira, a única turma de 5ª série do Centro de Ensino Fundamental 4, do Guará, no turno da noite estava lotada. Não havia uma carteira vazia. No segundo mês letivo, 38 alunos assistiram às aulas de português, inglês e história com atenção, mesmo depois de um dia inteiro de trabalho. Todo início de ano é igual nas turmas noturnas do CEF 4: sala de aula cheia e promessas de que, desta vez, os estudos serão levados adiante. No entanto, se a rotina na escola repetir a de anos anteriores, menos de 20 estudantes terão cumprido o juramento em dezembro. A evasão do ensino regular noturno no centro de ensino passa dos 50%.

O motivo do abandono não poderia ser mais cruel. Os alunos, com idades entre 16 e 65 anos, vão desistindo aos poucos. Cansados, principalmente da dificuldade de chegar até a sala de aula diariamente, deixam o sonho dos estudos para o próximo ano. Ou para nunca mais. "É lamentável ver cada um desses alunos, que já sofreram tanto, abrir mão dos estudos mais uma vez", afirma o professor Francisco Zagari. "Quando não abandonam, faltam tanto que acabam repetindo de ano."

Engana-se quem pensa que o drama está restrito a essa escola. Considerando-se todo o Distrito Federal, a repetência média da rede de ensino pública é de 16,3% dos alunos no ensino fundamental e de 20,4% no médio. O abandono é mais baixo, mas não menos preocupante: 3,1% e 10,2%, respectivamente.

Na turma noturna da 5ª série do CEF 4, 90% dos estudantes moram na Estrutural. O percurso do colégio até o posto policial, na entrada da invasão, é de 10km. A cada dia, a distância é percorrida de uma forma diferente. Na ida, os estudantes contam com a boa vontade dos motoristas de ônibus escolares que trazem alunos do turno da tarde para casa. Como eles têm que passar pelo Guará para guardar os veículos no garagem, aproveitam para levar os alunos. Iá a volta, próximo às 23h, é sempre uma incógnita.

Vale bicicleta, transporte irregular em carro de passeio lotado, lotação e até voltar a pé. O ônibus comercial que leva do Guará até a Estrutural passa às 23h40, mas não é garantido. Há dias em que ele não passa ou atrasa demais. Por isso, em dia nublado, os estudantes ficam nervosos para ir embora antes da chuva. "É só ouvir um trovão que todo mundo se inquieta na cadeira", observa Mariléia Feitoso Gómes, assistente da direção.

#### Dias de chuva

A ansiedade com a chuva é compreensível. Em um dia no final do ano passado, Euzimar Gómes Lima, 30 anos, censou de esperar transporte no ponto de ônibus no Guará I e resolveu voltar para a Estrutural a pé. No meio do caminho, começou um temporal. "Não tinha nem para onde correr. Cheguei em casa quase 1h, completamente encharcada", lembra. Essa foi a quarta caminhada dela para casa. "Esperamos, eu e minhas amigas, um tempão e percebi que se a gente não tomasse uma atitude ia dormir na parada." De acordo com Euzimar, ela até estava disposta a pagar pé a passagem, mas não havia ônibus, lotação, carro de passeio...

O caso é impressionante, mas não é raro. Na turma da 5ª série, os alunos são colegas de escola e de sofrimento. Todos têm histórias semelhantes para contar. Quitéria Alves da Silva, 40, já voltou a pé. E Marlene Pessoa, 41, iniciou o caminho de volta para a casa quando um carro parou e o motorista, que também estudava no Guará, ofereceu carona. "O ano mal começou, mas eu já pensei em desistir por causa das dificuldades", admite.

Marlene trabalha por conta própria em um quiosque na Cidade do Automóvel. Pega muito cedo no serviço e passa o dia inteiro em pé. "Parei de estudar porque meu pé não me deixava ir para a escola. Todo mundo lá em casa trabalha na roça", conta. "Quero crescer na vida e ser alguém. Mas não esperava sofrer com a falta de transporte para a escola. É como se não bastasse o cansaço e a dificuldade de voltar para a sala de aula depois de tantos anos parada", comenta.

Com 65 anos, a aposentada Carmelita Pereira de Jesus é uma das que mais sofre. A volta dela para a escola foi a realização de um sonho. "Fui criada por gente estranha, não conheci nem meu pai e nem minha mãe", afirma. "E, como não tinha quem cuidasse de mim, não aprendi a ler ou escrever." Mas o sonho da senhora de olhos tristes em vários dias é um pesadelo sem tamanho. "É comum voltar de carro pequeno com outras sete pessoas dentro. Todo mundo apertado e amontoados um em cima do outro." Por conta da idade, ela não precisaria pagar passagem. Mas, simplesmente, não há transporte.

#### Sem dinheiro

O fato de não pagar passagem é um privilégio de dona Carmelita. Sandra Gonçalves Souza, 27 anos, não pode se dar ao luxo de gastar R\$ 1,50 por trecho de ônibus, varou lotação. Ela e o marido, Acelmo Araújo Gómes, 31, que também está na escola, estão desempregados e vivem de bico. Ano passado, os dois abandonaram a sala de aula por falta de dinheiro para a passagem. "Depois de 12 anos sem estudar, tomei coragem para recomeçar. Mas, de uma hora para outra, começamos a faltar demais e acabamos desistindo", conta a jovem. "Se tivermos que pagar para vir para a escola vamos ter que abandonar os estudos outra vez."

O discurso da aluna é comum na escola. "Já perdi a conta do número de vezes que ouvi: ou pago passagem ou compro pão", conta a coordenadora do turno noturno, Fátima Guimarães Furtado. "A vontade que a gente tem é de tirar dinheiro do bolso e dar para os alunos."

Por falta de dinheiro para o ônibus, Israel Araújo Pereira, 23, só anda de bicicleta. Ele também percorre 10km para ir e outros 10km para voltar todos os dias. Mas, ao contrário do resto da turma, ele mora no ParkWay na casa dos patrões da irmã, que é doméstica. "A pé dá mais de uma hora. De bicicleta vai mais rápido, o problema é que não tenho como me proteger em noite de chuva." Para piorar, o caminho que ele faz é escuro e deserto. "Graças a Deus nunca fui assaltado."



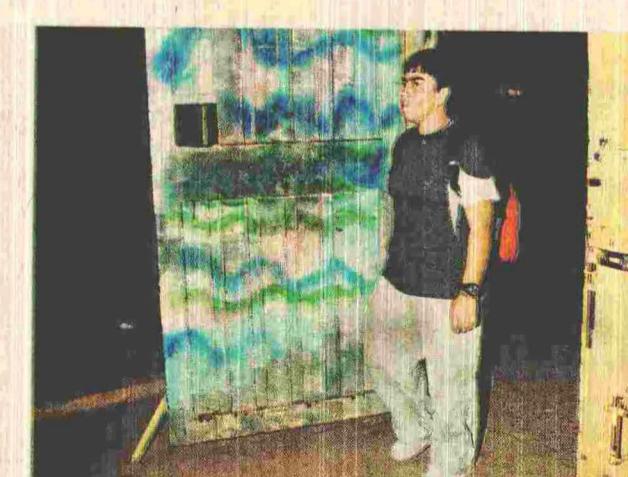
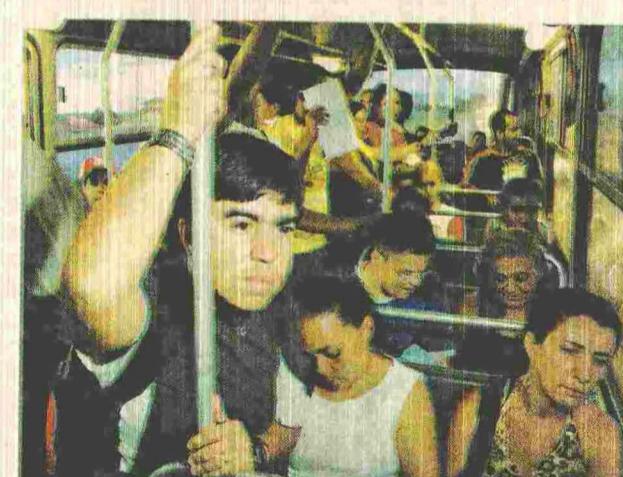
#### O MEDO

SANDRA GONÇALVES SOUZA, DESEMPREGADA, TEME TER QUE NOVAMENTE ABANDONAR O SONHO DA EDUCAÇÃO POR NÃO TER DINHEIRO PARA AS PASSAGENS

#### DE QUALQUER FORMA

ALUNOS DA ESTRUTURAL SÃO FORÇADOS A VOLTAR DA ESCOLA, NO FIM DA NOITE, DE BICICLETA, DE CARONA OU ATÉ MESMO ENFRENTAR A LONGA JORNADA A PÉ

# O problema é voltar para casa



## A maratona diária de Francenilda

Filha de índios, Francenilda Zacarias de Souza, condecorada como Duda entre os colegas da 5ª série noturna do Centro de Ensino Fundamental 4 do Guará, percorre uma maratona diária para estudar. Mãe de Kesley, 13 anos, Josué, 11, e Sara, 6, ela é forçada a deixar as crianças sozinhas em casa todas as noites. Os três estão na escola, mas frequentam o ensino diurno. Ela não tem com quem deixar os meninos. Duda sai do barraco perto dos eucaliptos da Estrutural sempre pensando em voltar o mais

rápido possível. "Fecha a porta e passa o cadeado. Não abre para ninguém", diz para os filhos. "Fiquem com Deus."

**18h30** Depois de tentar entrar em três ônibus escolares que se recusaram a pegar passageiros, Duda consegue uma carona. Com ela, outros 40 estudantes que passaram pela mesma dificuldade. O motorista deixou os alunos subirem no ônibus, mas tem medo de ser pego pela fiscalização ou pelo chefe. É proibido levar alunos em pé por causa da falta de segurança. "Eles são a nossa salvação. Sem a carona no transporte escolar, a gente não teria como ir para a escola", admite Duda. "Não sei como vou voltar hoje, mas a ida para a sala de aula está garantida", comenta, aliviada, quando sobe no coletivo. Com ela, estão estudantes do Centro Educacional 1, próximo à Feira do Guará.

**19h10** Duda desce do ônibus a 2km da escola. Como o transporte escolar não era para eles, mas para os estudantes da tarde, o que vier é lucro. Com a

mochila nas costas, ela vai ter que se apressar para chegar antes do sinal soar. A pressa também ajuda a se proteger de assaltos. No caminho, existe uma praça sem iluminação. Já no pátio do colégio, ela combina com os colegas como será a volta para casa. Muitas vezes, eles voltam juntos. A troca de informações, sobre chuva, lotação ou ônibus, também ajuda. "Uma vez formamos um grupo de mais de 100 pessoas para voltar a pé. Assim nos protegemos", explica.

**23h** Depois de quase quatro horas de aula, Duda volta para casa. No ano passado, ela teve que caminhar para a Estrutural cinco vezes. Em uma delas, embaixo de chuva, as tiras da sandália arrebentaram e os pés ficaram tão machucados que sangraram. "No dia seguinte, nem conseguia pisar no chão", lembra. Mesmo em dias que há transporte, Duda caminha pela invasão. Nenhum motorista, seja de van, de carro de passeio ou de ônibus concorda em entrar na Estrutural. "Eles têm muito medo."

## Aparecem os ônibus gratuitos

Nascimento, depois de ser informada da situação dos estudantes.

Na quinta-feira pela manhã, técnicos da secretaria definiram o percurso e ampliaram o convênio que já fazia transporte diurno para estudantes da invasão. À noite, no mesmo dia, os alunos da Estrutural já tiveram ônibus gratuito para ir e voltar para a escola. "Espero que a solução seja definitiva", provoca a aluna Eliene Pacheco da Silva.

Vale lembrar que o transporte de alunos em ônibus e perus segue um regulamento básico. Os veículos precisam ter cinto de segurança em todos os bancos, estar com os pneus em bom estado e as lanternas funcionando e ser mantidos limpos. Além disso, os motoristas necessitam de uma credencial específica, adquirida após passar por testes e cursos sobre comportamento infantil. (EK)